

Six Poems from *A ilha e o mundo*

Pedro da Silveira

Translated into English by Scott Edward Anderson

Island

Just this:

The dense sky, a yellow-legged gull¹
hovering. Open Ocean. And a boat in the distance:
his hungry eyes divining, at the bow,
lost Californias of plenty.

Ilha

Só isto:

O céu fechado, uma ganhoa
pairando. Mar. E um barco na distância:
olhos de fome a adivinhar-lhe, à proa,
Califórnia perdidas de abundância.

¹ *Larus michahellis atlantis* — Monteiro translated ganhoa as “heron,” but this makes no sense given the context of the poem. Rather, as the Dicionário Priberam has it, the bird should be this “species of gull (*Larus michahellis*) with yellow legs and a gray back and wings.” Until 2007, the species was formerly considered a subspecies of the herring gull (*Larus argentatus*), but DNA evidence reveals it is more closely related to the great black-backed gull (*Larus marinus*) and the Armenian gull (*L. armenicus*). Hence, I’ve gone with yellow-legged gull, although this species is also known as the Atlantic gull. Its scientific name honors the German zoologist, Karl Michahellis. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, n.d.)

*Steamer Day**To Manuel Lopes*

When the steamer arrives
It's like a holy day on the island

—the holy day of Saint Steamer...

The bank clerks,
the mayor,
the keeper of the Land Registry,
the delegate and the judge
and those gentlemen who are the village
nobility,
butter and whale oil merchants,
put on their Sunday suits and their overcoats
and go aboard to drink beer and smoke
foreign-brand cigarettes
in the First-Class bar...

But there are also
—I was one of them—
the crowd that stays on land,
eyes eager for every detail of this monthly event

—the motorboats that come and go,
the unloading boats,
the cattle embarking for Lisbon,
the yellow bags of mail,
a traveling salesman who undoes
himself in gestures and words
or some calafona² that comes to visit...

With an open parasol,
Mr. Antonico Valadão waits for someone
to tell him how much the dollar is worth.

Oh, the holy day of Saint Steamer,
awakening old travel plans,
filling with expectations and news,
the people of my island!...

*Dia de vapor**Ao Manuel Lopes*

Quando o vapor chega
É como se fosse dia santo na ilha

—o dia santo de San Vapor...

Os funcionários de Finanças,
o presidente de Câmara,
o conservador do Registo Predial,
o delegado e o juiz
e esses senhores que são a fidalguia da vila,
negociantes de manteiga e óleo de baleia,
vestem os fatos do domingo e as gabardinas
e vão para bordo beber cerveja e fumar cigarros
de marcas estrangeiras
no bar da primeira classe...

Mas há também
—eu fui um deles—
a multidão que fica em terra,
olhos ávidos para todos os pormenores desse
acontecimento mensal

—as gasolinas que vão e vêm,
os barcos da descarga,
o gado que embarca para Lisboa,
os sacos amarelos do correio,
um caixeiro viajante que se desfaz em
gestos e palavras
ou algum calafona que vem de visita...

De guarda-sol aberto,
o Sr. Antonico Valadão espera alguém
que lhe diga a quanto está o dólar.

Ai o dia santo de San Vapor
despertando velhos planos de viagem,
enchendo de expectativas e novidades
a gente da minha ilha!

² *Calafona* – an Azorean slang term (which I suspect is a bastardization of “Californian”) meaning an emigrant returning to the Azores (especially if coming from the United States) referenced in the Infopédia Dictionary of the Portuguese Language [online].

Village

*To Elisabete Rodrigues-Garcia
and Borges Garcia*

The man arrived at the door of the shop
and looked at the clouds in the sky
(Will the wind come? Will it not come?).
Then
he lingered a few more minutes
following the path of the delegate doctor
and peering through the windows that overlook
the square.

Behind a windowpane
a figure appears for a moment.

Slowly,
an ox cart
passes in the street.

Under the plane trees in the square,
the off-island employees yawn in annoyance.
Mr. Laureano returns to the counter
wiping his hands on his alpaca smock.

... Tomorrow
in all the shops,
in all the stalls of the village,
another hidden love story
will be spread
by word of mouth.

Burgo

*A Elisabete Rodrigues-Garcia
e ao Borges Garcia*

O homem chegou à porta da loja
e olhou as nuvens correndo no céu
(Virá vento? Não virá?).
Depois,
ficou mais uns minutos
seguindo o passeio do doutor delegado
e espiando as janelas que dão para
o largo.

Detrás de uma vidraça
Um vulto assoma por instantes.

Lentamente,
um carro de boi
passa na rua.

Sob os plátanos da praça,
os funcionários de fora da ilha bocejam
chatices.
O Sr. Laureano volta para o balcão
limpando as mãos no guarda-pó de alpaca.

...Àmanhã,
em todas as lojas,
em todas as tendas da vila,
mais uma história de amores ocultos
irá contar-se
de boca em boca.

*Incomplete Poem of the Village Girl**To Castro Soromenho*

Noon has sounded from the bell of the parish
church.

The gentlemen remove their hats.
They shut the doors of the shops

—it's dinner time for the villagers.

A melancholy silence hovers
in the gray and sad sky
of the island.

Mariazinha stands at the window,
her lost gaze,
waiting for a prince charming to come steal her
away
to this life she hasn't dreamed.

—What a monotonous life in the village!...
Without cinema or theater
no electric light
no cars,
nothing of what they say other lands have...

How time passes!
and the prince does not come...
Only
the heart imagines his image
—beautiful as the wonderful heroes
of the novels read on the balcony facing the
channel
sitting in the rocking chair that the emigrant
grandfather
brought from Boston before he married

(rocking chair
like so many there are
in the small lands of small islands
holding dreams and disappointments
of several generations...).

Mariazinha stands at the window,
her distant gaze...

*Poema incompleto da menina da vila**Ao Castro Soromenho*

Soou agora meio-dia no sino da
matriz.

Os senhores tiraram os chapéus.
Fecharam as portas das lojas

—é a hora do jantar de gente da vila.

Um silêncio melancólico paira
no céu cinzento e triste
da terra insular.

Mariazinha fica-se à janela,
o olhar perdido,
à espera de um príncipe encantado que venha
roubá-la
a esta vida que não sonhou.

—Que vida monótona a vida da vila!...
Sem cinema nem teatro
nem luz elétrica
nem automóveis,
nada do que dizem ter as outras terras...

Como o tempo passa!,
e o príncipe não vem...
Somente
o coração lhe adivinha a imagem
—belo como os heróis maravilhosos
dos romances lidos à varanda voltada ao
Canal
sentada na cadeira-de-balanço que o avô
emigrante
trouxe de Boston antes de casar

(cadeira-de-balanço
como tantas que há
nas terras pequenas das ilhas pequenas
guardando sonhos e desenganos
de várias gerações...).

Mariazinha fica-se à janela,
o olhar distante...

(The colorful portrait of her grandfather,
hanging on the wall of the room,
smiles at the little girl's dreams.)

(O retrato colorido do avô,
dependurado na parede da sala,
sorri para os sonhos da menina.)

The silence of the village houses is so heavy!

É tão pesado o silêncio das casas da vila!

The silence of the deserted streets of the village.

O silêncio das ruas desertas da vila.

The silence hovering in the gray village sky.

O silêncio pairando no céu cinzento da vila.

Noon filling the village with silence.

O meio-dia enchendo a vila de silêncio.

Mariazinha leaning out the window,
to look, to look...

Mariazinha debruçada à janela,
a olhar, a olhar...

And a strange light,
comes to her from I don't know where
but it comes...

E uma luz estranha,
vem-lhe não sei de onde
mas vem...

Chamarrita

*To Manoelito de Ornellas,
from the other land of Chamarrita*

1—

In the small hall the music starts.
The caller calls the round.

*Call Rita, call Rosa³...
Oh my love from so far away...*

Longing inherited from parents and grandparents,
brought from Flanders
and Portugal.

*Dear Captain of the boat
wait, please do me a favor...*

To the rhythm of viola music
men and women seem like sleepwalkers
dancing.

2—

The viola is playing.
Frank accompanies on the accordion.
Mateuzinho sings.
But his singing is sad.
It sounds like sorrow.
It sounds like weeping.

The viola is playing.
It sounds like the voice
of a drowning man.
Crying of unfulfilled destinies,
memories of someone who left
and didn't come back.

The round goes on.
But you can hardly hear the cadence
of the steps.

Chamarrita

*A Manoelito de Ornellas,
da outra terra da Chamarrita*

1—

Na sala pequena a música rompe.
Caixeiro manda a roda.

*Choma Rita, choma Rosa...
Ó mei amor de tan longe...*

Saudades herdadas de pais e avós,
trazidas da Flandres
e de Portugal.

*Sinhor capitão da barca
espere, faça o favor...*

Ao ritmo da música da viola
homens e mulheres parecem sonâmbulos
bailando.

2—

A viola está tocando.
Frank acompanha ao còriano.
Mateuzinho canta.
Mas o canto é triste.
Dir-se-ia mágoa.
Dir-se-ia choro.

A viola está tocando.
Parece a voz
de um afogado.
Choro de destinos não cumpridos,
lembranças de alguém que partiu
e não voltou.

A roda segue.
Mas quase nem se ouve o ruído cadenciado
dos passos.

³ I once overheard a waitress at Inner Bay Café in New Bedford, MA, say that a singer once sang the “Chamarrita” as “Call Rita,” which she ridiculed. However, for readers unfamiliar with the original, this translation makes sense, especially in the context of this poem, which is like the old square dances with the caller calling out specific instructions, or, in this case, calling both Rita and Rosa to the dance floor.

Only the sad singing
and the sad music,
wistful, pained,
of the accordion and the viola.

Só o canto triste
e a música triste,
saudosa, magoada,
do còriano e da viola.

Memory of Saint Michael the Archangel

*To Armando Côrtes-Rodrigues
and Diogo Ivens*

I remember you now,
Saint Michael-the-Archangel with rusty sword
and feathered helmet
from when I used to go with my father to
Sunday Mass.

You never spoke to boys your age,
nor laughed when we stared at you;
your lips were always silent
to my insistent childish plea.
Lost in I don't know what cloud-thoughts,
your eyes never opened to life
that my six-year-old naiveté wanted to offer
you.

Every day weighing sins
on the old scales of heaven...

Saint Michael-the-Archangel of my childhood,
oblivious to life in a dark corner of the church,
even you may not exist anymore.
Other voices awoke in my days
and summoned to other paths
the boy I was.

Today, Saint Michael-the-Archangel of my
childhood,
holy boy of juniper wood, insensitive to life,
of you all that remains in me
is the desire I had to shout at your indifference
that you stop being a saint
and come outside and play with me
in the seaside pools.

Lembrança de San Miguel-O-Anjo

*A Armando Côrtes-Rodrigues
e a Diogo Ivens*

Lembrei-me agora de ti,
San Miguel-o-anjo de espada ferrugenta e
capacete emplumado
de quando ia com meu pai à missa do domingo.

Tu não falavas nunca com os meninos da tua
idade,
nem rias quando olhávamos para ti;
os teus lábios ficaram sempre mudos
ao meu apelo insistente de criança.
Abismados em não sei que pensamentos de
nuvem,
teus olhos nunca se abriram para a vida
que a minha ingenuidade de seis anos te quis
dar.

Todos os dias a pesar pecados
na balança velha do céu...

San Miguel-o-anjo da minha infância,
esquecido da vida num canto sombrio da igreja,
nem tu talvez existas já.
Outras vozes acordaram nos meus dias
e chamaram para outros caminhos
o menino que fui.

Hoje, San Miguel-o-anjo da minha infância,
menino santo de pau de zimbros insensível à
vida,
de ti só em mim persiste
a vontade que eu tinha de gritar à tua
indiferença
que deixasses de ser santo
e viesses cá para fora brincar comigo
nas poças da beira-mar.

References

Infopédia. (n.d.) Calafona. In *Dictionary of the Portuguese Language*. Retrieved July 18, 2022, from <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/calafona>.

Priberam. (n.d.) Ganhoa. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (DPLP)*. Retrieved October 1, 2023, from <https://dicionario.priberam.org/ganho>.